



A Unicamp

Faculdades e Institutos

Pesquisa

Hospitais

Vestibular

Imprensa

Início

EDIÇÃO Nº 577

NESTA EDIÇÃO

- 1 Capa da Edição
- 2 Telescópio
- 3 Cana migra e vira terreno fértil para problemas socioambientais
- 4 Método elimina fármaco poluidor de cursos d'água
- 5 Desigualdades interurbanas
- 6 Tese analisa polêmica entre FHC e Ruy Mauro Marini
- 8 Humberto viaja na ficção e na realidade
- 9 A menopausa e a construção de um estigma
- Painel da semana
- Teses da semana
- 10 Livro da semana
- Unicamp recebe 105 novos docentes e pesquisadores
- 11 Pesquisa analisa ação de compostos bioativos do café
- 12 Casé, um gênio desconhecido

Campinas, 30 de setembro de 2013 a 06 de outubro de 2013 – ANO 2013 – Nº 577

A menopausa e a construção de um estigma

Pesquisadora manteve contato e entrevistou 99 mulheres para fundamentar tese defendida no DPCT/IG

Texto: ISABEL GARDENAL
Fotos: Antonio Scarpinetti
Edição de Imagens: Diana Melo

Curtir Tweet 3



São várias as maneiras de sentir ou de compreender a menopausa em diferentes culturas. Ela não tem uma interpretação unilateral e possui um conceito que traz consigo as marcas do seu lugar de produção. É um tema controverso, entendido quase que unicamente sob o aspecto organicista, o qual põe ênfase na medicalização. "A menopausa ainda é tratada como doença e muitas mulheres reproduzem esse discurso", constata a tecnóloga Rebeca Buzzo Feltrin em sua tese de doutorado, defendida no Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do Instituto de Geociências (IG).

No seu estudo, Rebeca procurou compreender a construção social do conhecimento científico sobre o conceito de menopausa, principalmente como ele aparecia dentro do consultório médico e se havia uma negociação entre médicos e pacientes sobre a ideia da menopausa e dos sintomas a ela atribuídos.

Em termos conceituais, informa a autora da tese, a menopausa está contida no climatério (transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva), que abrange a vida da mulher dos 45 aos 55 anos. Mas, no senso comum, o termo usado para essa designação é menopausa que, mesmo se referindo somente à suspensão da menstruação, é mais difundido e aceito.

Segundo a doutoranda, a cultura ocidental e a oriental têm percepções divergentes acerca da menopausa. No Brasil, isso se relaciona à imagem que a mulher tem desse processo e à imagem passada por uma parcela da classe médica. Também é verdade que o tema está vinculado a uma excessiva valorização da juventude e da beleza, o que faz com que a sociedade (inclusive a mulher) sinta o envelhecimento como um problema.

Embora os órgãos médicos e a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) difundam que essa é uma fase natural, na prática médica ela é tratada como um problema. Pesquisadores psicanalíticos referem-se à menopausa como um evento crítico para a mulher de meia-idade e um desafio a uma nova adaptação e aquisição de autoconfiança.

Sintomas

Diversas pesquisas de abordagem transcultural (cross culture) tendem a mostrar que mulheres orientais quase não descrevem sintomas da menopausa. Não chegam a 20% os relatos, e não somente por causa de alimentação. Também pelas expectativas que elas têm da valorização do envelhecimento.



Rebeca Buzzo Feltrin, autora da tese: "A menopausa ainda é tratada como doença"

Na sociedade ocidental, a mulher sente que perde a feminilidade, pois o seu padrão é limitado à beleza e à juventude. Por essa razão, vivencia a fase com agonias próprias da idealização do corpo perfeito e se sente decadente, pois os valores sociais que vogam baseiam-se no valor do útil e do produtivo.

Ao mesmo tempo, a menopausa coincide com o momento em que os filhos saem de casa, com o desgaste do relacionamento, com a aposentadoria e com a própria maneira que é decretado o fim da feminilidade. Até nos livros de Medicina, este tópico é tido como uma fisiopatia – uma doença da deficiência –, por isso da necessidade de haver reposição hormonal.

Rebeca não ignora que muitas mulheres sofrem uma intensa sintomatologia (fogachos, secura vaginal, depressão, insônia, etc.), porém notou que não há uma separação do corpo biológico e da mente. Todos problemas se manifestam através do corpo.

Quando elas vão ao médico e sabem o que pode acontecer – dos sintomas previstos –, tendem a se angustiar. Mas muitas mulheres já apresentavam depressão e somente falaram disso no momento da consulta, e porque foram indagadas. Logo, a depressão era anterior ao climatério.

A pesquisadora verificou que, no passado, na definição da menopausa, já havia 26 sintomas associados, sendo as ondas de calor o principal marcador. Recentemente, tem havido uma expansão significativa dos sintomas associados.

Outro assunto recorrente na tese foi a sexualidade, que mereceu um capítulo à parte pois, com o envelhecimento, no caso dos homens, era sempre retratada como aflorando e, no das mulheres, como declinando. "Essa interpretação estava presente em sintomas físicos, como a atrofia, e também psicológicos, quando se mencionava a perda da libido", realça Rebeca, que em sua visão podem ser entendidos como parte do desgaste do relacionamento.

Amostra

Noventa e nove mulheres, com idade entre 37 e 82 anos, foram avaliadas pela doutoranda durante consultas médicas e reuniões de um grupo de Psicologia em um hospital público paulista. Seu maior contato foi com mulheres na pós-menopausa.

Rebeca avaliou ainda os discursos de oito residentes que faziam atendimento nesse ambulatório e de sete graduandos cumprindo internato. A pesquisa abrangeu o período de 2009 a 2010.

Ela imaginava que os médicos iriam "desmistificar" a noção negativa que algumas mulheres tinham da menopausa, embora isso não tenha se confirmado. As mulheres, antes, expressaram uma visão mais

positiva. Não enxergavam benefícios do envelhecimento para os homens. Lembravam que eles também tinham ondas de calor.

Parte dos médicos, viu a pesquisadora, separava a questão do corpo da mulher. Os profissionais falavam que, com a menopausa, a sua sexualidade ficaria comprometida, diferentemente do homem. "Os discursos estavam em sintonia com as demandas culturais: os médicos por tratar a menopausa como doença e as mulheres por tentarem reproduzir suas explicações", comenta a autora.

Ela estudou a menopausa após identificar pontos polêmicos na saúde da mulher como um todo. Tudo era problemático nesse campo. Menstruar era um problema (se cedo ou tarde demais), parar de menstruar, ter um parto normal ou um parto cesáreo, a dor do parto, a anticoncepção, a infertilidade, entre outros.

No Iluminismo, lembra a doutoranda, o corpo da mulher era visto como um homem invertido, cujos órgãos, por falta de calor vital, tinham ficado retidos nas entranhas. Por dois milênios, o próprio ovário não tinha nome, estando relacionado ao testículo. "O corpo da mulher era considerado inferior, porque o padrão de normalidade era o corpo masculino", afirma Rebeca. "A explicação é que a Medicina trabalha muito com padrões, níveis e limites."

Mas o corpo, reconhece, é por demais complexo para se enquadrar em conceitos de normalidade e de patologia. "A própria definição do que é normal e patológico é uma decisão cultural", frisa Rebeca, que foi orientada em sua pesquisa pela professora Léa Velho, do IG.

Relatos

As mulheres contaram à doutoranda que alguns maridos perderam o interesse sexual após a menopausa, talvez pela perda da fertilidade. A pesquisadora então notou que não há uma separação evidente do que é biológico e social nessa abordagem. "Os dois aspectos estão interligados, assim como corpo e mente."

A somatização, refere ela, está ligada aos sintomas físicos que a Medicina não explica. Da mesma forma que se somatiza, experimentam-se emoções através do corpo. Deste modo, a menopausa não é de domínio único dessa disciplina.

Por isso as mulheres carecem de uma abordagem sociocultural e integral, não parcelada, biologizada, que tira a pessoa de seu meio e a classifica em limites de normalidade. Esses limites e o ideal em saúde levam as pessoas a se perceberem de outra forma e a terem expectativas negativas quanto ao seu corpo e a essa fase da vida, influenciando na sua experiência da menopausa.

A maneira da paciente falar de seu encontro com o médico e alguns sintomas descritos por ela eram interpretados como um problema e um peso. Isso porque a paciente já tinha um repertório do que era a menopausa – de que ela não era natural.

Rebeca entende que a menopausa faz parte do envelhecimento natural, com perdas e ganhos. "Não existe um parto sem dor. Na própria menarca, o corpo necessita fazer adaptações", sinaliza.

Algumas mulheres mencionaram que ganharam com a menopausa e que não precisavam mais se preocupar com a gravidez, por isso experimentaram uma fase sexual melhor, apesar de a sociedade não ter sido criada para reconhecer as belezas de cada idade.

Rebeca, que também fez um doutorado-sanduíche na University College of London, Inglaterra, leu uma pesquisa sobre mulheres no Iraque que moravam na zona rural. Elas quase não relatavam os sintomas do climatério, ao passo que, quando entraram em contato com áreas mais industrializadas, isso se constituiu um problema, desenvolvendo sintomas.

Na China, por exemplo, onde existe uma grande valorização dos idosos, as mulheres nem tinham noção de que a menopausa poderia ser um problema, como de fato não era para elas, conta a pesquisadora.

O Brasil acaba de vislumbrar um novo cenário – o aumento da expectativa de vida da sua população. Esse indicador vem conferindo à menopausa uma maior atenção, tanto que, em 2008, foi lançado o primeiro Manual da Menopausa da América Latina, pelas mãos do Ministério da Saúde.

Ele surgiu sob as bases do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Paism), moldado a partir da filosofia de atendimento idealizada no Hospital da Mulher "Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti" - Caism da Unicamp, que propunha avaliar a mulher em todas as fases da vida, não apenas no período fértil.

Rebeca atua no momento como pesquisadora contratada do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), dentro do projeto Misaal (Medidas para a Inclusão Social e Equidade em Instituições de Ensino Superior na América Latina).

Publicação

Tese: "Entre o campo e o laboratório: a construção da menopausa dentro de um hospital-escola brasileiro"
Autora: Rebeca Buzzo Feltrin